

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM EDUCAÇÃO  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA**

**Lara Moniele Rodrigues dos Santos**

**LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE:** perspectivas do Projeto Político Pedagógico do  
Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Paranaíba

**Paranaíba, MS  
2016**

**Lara Moniele Rodrigues dos Santos**

**LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE:** perspectivas do Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Paranaíba

Monografia apresentada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Educação, Unidade Universitária de Paranaíba como requisito para obtenção do título de Especialização em Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio de Souza

**Paranaíba, MS  
2016**

S2361

Santos, Lara Moniele Rodrigues dos

Leitura e formação docente: perspectivas do projeto político pedagógico do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Paranaíba/ Lara Moniele Rodrigues dos Santos. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2016.  
40f.; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. José Antonio de Souza.

Monografia (Especialização em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Leitura. 2. Educação - formação docente. 3. Projeto Político Pedagógico.  
I. Santos, Lara Moniele Rodrigues dos. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Especialização em Educação. III. Título.

CDD – 370.11

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

**LARA MONIELE RODRIGUES DOS SANTOS**

**LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE:** perspectivas do Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Paranaíba

Monografia apresentada na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Curso de Pós Graduação *Lato Sensu* em Educação, Unidade Universitária de Paranaíba como requisito para obtenção do título de Especialização em Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. José Antonio de Souza  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

---

Prof. Me. Bruno de Oliveira Ribeiro  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

---

Profª Me. Lucinéia Silva de Freitas  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Paranaíba - MS, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus porque mesmo diante a todas as lutas e adversidades que tive pelo caminho me deu forças e sabedoria para continuar e não desistir desse grande sonho; existe uma canção em que diz “Ele não me deixa sozinha em minhas lutas”, em cada vontade de parar de abandonar tudo Ele esteve ao meu lado.

Minha querida e amada mãe Maria que mesmo a um oceano de distância se preocupou e de longe me deu forças para não desistir.

Ao meu querido esposo Alan, que nesse momento foi muito mais que um esposo, sendo sempre compreensivo e disposto a ajudar e aguentar muitas vezes as minhas faltas de paciência, obrigada amor.

E sempre, a quem não posso deixar de agradecer, minha querida amiga, irmã Camila, pela força e sempre me apoiar.

Ao meu orientador, José Antonio de Souza, que mesmo a 300 km de distância sempre esteve pronto a ajudar e tirar todas as minhas dúvidas.

Aos professores Bruno e Lucinéia, por terem aceitado fazer parte desse momento tão especial em minha vida, sendo parte da banca examinadora.

Enfim a todos aqueles que estiveram ao meu lado, e compreenderam a minha ausência, e muitas vezes a falta de paciência, agradeço pelas orações e pelo apoio, pois de vocês meus amigos queridos que recebi forças e palavras de motivação para continuar, obrigada por tudo. E vamos seguir em frente, este é o começo de uma grande batalha, um professor nunca deixa de estudar, formação continuada em busca de um ensino melhor.

*“Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo”*  
(Paulo Freire)

## RESUMO

As questões relacionadas à leitura são extremamente relevantes no campo da educação e podem ser abordadas a partir de distintas perspectivas; os olhares sobre a leitura podem voltar-se para os alunos, para a escola, para as bibliotecas, para a atuação docente e para a formação docente, entre outros. Este trabalho tem como objetivo evidenciar o quanto a leitura é relevante para a formação docente. Para tanto, empreendeu-se a análise dos últimos projetos pedagógicos do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba. Pretende-se, assim, expor como será abordada a importância da leitura para a formação docente, o que o curso pode contribuir para a formação de futuros leitores e educadores capacitados para desempenhar com excelência essa função; abordaremos também, nesta pesquisa, a importância da formação continuada para o professor educador, e em quais disciplinas durante os quatro anos de curso o acadêmico formando em Pedagogia terá o contato direto com a leitura e como ele irá aprender a lidar e ensinar seus futuros alunos. A pesquisa, embora em estágio inicial, pode acrescentar novas perspectivas para a formação e atuação do professor, pois, para trabalhar com a leitura, o docente, antes de tudo, precisa ser leitor e, muitas vezes, é na universidade, em sua formação, que o universo de expectativas do futuro docente é ampliado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Formação docente. Projeto Político Pedagógico.

## **ABSTRACT**

The reading-related issues are extremely relevant in the field of education and can be approached from different perspectives; looks on reading may turn to the students, for school, for libraries, for teacher performance and teacher training, among others. This work aims to show how reading is important for teacher training. Therefore, undertook the analysis of the latest pedagogical projects of the Education Course of the State University of Mato Grosso do Sul, Unit Paranaíba. The aim is thus exposed as will be discussed the importance of reading for teacher training, the course can contribute to the formation of future readers and educators trained to perform with excellence this function; We discuss also, in this research, the importance of continuing education for the teacher educator, and which disciplines during the four-year course academic majoring in Pedagogy will have direct contact with the reading and how it will learn to cope and teach their future students . The research, although at an early stage, you can add new perspectives to the development and performance of the teacher, therefore, to work with reading, teaching, first of all, to be player and often is at university in their training that the future teacher expectations universe is expanded.

**KEYWORDS:** Reading. teacher training. Pedagogical Political Project.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1. O LEITOR E A LEITURA.....</b>	<b>13</b>
<b>2. LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE .....</b>	<b>21</b>
2.1. A Importância da Leitura na Formação Docente.....	22
<b>3. ANÁLISE DA EVOLUÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES MEDIANTE ANÁLISE DOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DA UEMS – UNIDADE DE PARANAÍBA DE 2006 E 2013.....</b>	<b>30</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>38</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## INTRODUÇÃO

O ato de ler vem ganhando espaço na sociedade, uma vez que o cidadão precisa ser capaz de formar sua própria opinião sobre o mundo sobre aquilo que está a sua volta. Porém, não existe uma relação prazerosa da pessoa com a leitura, a qual é demonstrada de modo automático, o ato de ler se torna mecânico e existe apenas como decifrador de códigos linguagem, juntando a soma de cada palavra e montando determinado texto.

Nas escolas, muitas vezes, a leitura é apenas uma forma de ensinar, ou seja, trazer instrução, com isso a leitura não se torna um ato prazeroso, mas sim uma obrigação, sendo assim cabe ao educador tornar esse ensino interessante e fazer com que o aluno se interesse pelo que está lendo para que não se sinta obrigado a fazer e acabe assim não criando o prazer no ler, podemos assim iniciar nossas reflexões sobre a formação docente, ou seja, como essa formação acontece.

Nos espaços educacionais encontramos livros com perguntas que precisam ser respondidas de acordo com o texto, exatamente como está escrito no texto, e isso faz o aluno não ter a necessidade de pensar efetivamente sobre o texto e responder de acordo sua compreensão de tal assunto, sequer interpretar o texto, apenas reproduzir o que está escrito, não tornando assim a criança um leitor, porém apenas um reprodutor do que já está escrito.

É preciso levar em conta que o ato de ler deve ser desenvolvido ao longo de toda a vida e geralmente inicia-se no meio educacional, quando se inicia a fase da alfabetização. Essa pesquisa buscou algumas referências para entender a concepção e entendimento de como aprender a ler e como isso se desenvolve no processo escolar, no qual o ato de ler, muitas vezes, aparece como mera decodificação, para aprender a decifrar algumas matérias no currículo escolar.

É na escola que se aprende de forma mais crítica e organizada a olhar o que existe em volta com ajuda dos livros, é na escola que se aprende a decodificar os códigos e juntá-los trazendo assim forma e sentido ao texto, aprendendo a pensar, e ter suas próprias opiniões de acordo com o assunto que lhe é exposto.

Com isso procuramos abranger, por meio de pesquisa bibliográfica, como as práticas de leitura do educador está relacionada diretamente com como foi a sua formação, em todas as suas modalidades de ensino.

Em suma o contato direto com o livro desenvolve vários aspectos no leitor, assim como melhora no vocabulário, conhecendo diversas palavras, desenvolvimento na fala, sem falar quanto à cultura que aumenta muito pelo fato de cada livro lido despertar novos

interesses ao leitor mostrando o novo, sendo que também ajuda na importância de ser um ser autônomo aquele que cita suas próprias opiniões.

E como início para a formação docente em pleno curso, é aplicada uma disciplina que é o estágio supervisionado, o qual já coloca o futuro educador em sala de aula, que é também um incentivo e grande aprendizado para que o futuro professor perceba como será quando estiver em sala de aula e quais metodologias poderá utilizar para ter um trabalho eficaz que é os estágios supervisionados feitos no decorrer do curso de Pedagogia.

Pesquisa feita por meio de uma breve revisão bibliográfica tendo como aporte teórico foi usado: Paulo Freire, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Magda Soares, entre outros.

Nessa pesquisa levantaremos as seguintes questões, a leitura é importante para a formação do docente? Pode contribuir para a melhoria do ensino? A Universidade trabalha para formar profissionais prontos para o ensino da leitura?

Apresentando como, objetivo Geral: Analisar como a leitura contribui para a formação docente.

Objetivos Específicos: Analise dos Projetos Políticos pedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade de Paranaíba. Averiguar a importância da leitura para a formação de futuros docentes. Compreender a leitura como recurso primordial para a formação do indivíduo.

A pesquisa está apresentada em três capítulos, por meio da metodologia de uma breve revisão bibliográfica, e tem o objetivo de compreender como tem se desenvolvido a formação docente, como que o futuro educador sairá da universidade e estará quando estiver em sala de aula.

No primeiro capítulo faremos uma breve abordagem do leitor e a leitura, uma pequena maneira de viajar no mundo da leitura e perceber se nos tempos aos quais hoje vivemos a leitura ainda é presente na vida da pessoa e também abordaremos como surgiu a leitura e quais as dificuldades enfrentadas pelos primeiros leitores até os dias atuais, onde temos diversos tipos de livros.

No segundo capítulo falaremos um pouco sobre a formação docente, se essa formação vem acompanhada de um aporte que leve o educador a se tornar um leitor e se traz base para que isso aconteça para que esse educador saia das portas de uma universidade preparado para formar mais leitores quando estiver em sala de aula.

No último capítulo será feita análise documental dos Projetos Políticos Pedagógicos da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, dos anos de 2006 e 2013, sendo abordadas quais mudanças ocorreram nesse período em questão de acréscimo ou

exclusão de disciplina que atuem na área da leitura e como isso pode contribuir para a formação docente.

Em suma, esse projeto tem como objetivo contribuir para a formação do professor, como a universidade trará essa contribuição e se a universidade tem formado professores que tem o gosto por ler ou não, e a análise do Projeto Político Pedagógico trará claramente como isso será feito ao longo da graduação para que se forme professores leitores e formadores de suas próprias opiniões.

## 1. O LEITOR E A LEITURA

O surgimento da leitura de acordo com Abreu *apud* Chartier no livro “Leitura, História e História da Leitura”, mostra que com a criação da prensa tipográfica por Gutenberg, os livros pararam de se manuscritos e se tornaram impressos, podendo assim facilitar a distribuição dos livros, porém não se pode considerar a criação da prensa tipográfica o responsável para o desenvolvimento ou o rompimento para a História da Leitura.

Abreu *apud* Chartier (2007) escreve que a leitura seguiu alguns passos para se desenvolver, sendo o primeiro é o passo de uma leitura oral, na qual se lê em voz alta, para uma leitura silenciosa, sendo essa habilidade conquistada pelos leitores ocidentais, ainda na idade média.

A segunda revolução da leitura ocorreu durante a era da impressão, mas antes da industrialização da produção do livro. Tal revolução ocorrida na Alemanha, Inglaterra, França e Suíça durante o século XVIII, apoiou-se em diversas circunstâncias: crescimento na produção do livro, que triplicou ou quadruplicou entre o início do século e os anos 80, a multiplicação e transformação dos jornais, o triunfo dos livros de pequeno formato e a proliferação das instituições (sociedade de leitura, clubes do livro, bibliotecas de empréstimo), que tornou possível ler livros e periódicos sem ter que comprá-los. (ABREU *apud* CHARTIER, 2007, p. 24)

Ainda de acordo com o autor citado a cima, podemos observar que a mais intensiva forma de leitura, que foi organizada e acordo com o modelo tradicional, se desenvolveu no momento em que houve a revolução da leitura, os leitores passaram a ser tomados pelos textos que liam; eles viviam o texto, e começaram a se identificar com personagens, os leitores nesse momento passam a fazer parte da leitura.

Com isso a partir do século XIX, surgem novos leitores o que antes a maioria eram mulheres, neste momento passa a se dividir entres mulheres, crianças e trabalhadores, surgindo assim novos modelos de leituras.

O mundo dos textos eletrônicos também remove a rígida capacidade do leitor de intervir no livro. O objeto impresso impunha a sua forma, estrutura e espaços ao leitor e não supunha nenhuma participação material física do leitor. Se, contudo, quisesse inscrever sua presença no objeto, ele só poderia fazê-lo clandestinamente, ocupando com seu manuscrito as margens ou as páginas em branco. Tudo isso muda com o texto eletrônico. Não apenas os leitores podem submeter o texto a uma série de operações (podem indexá-lo, muda-lo de uma lugar para outro, e decompô-lo e recompô-lo), mas também tornar-se co-autores. (ABREU *apud* CHARTIER, 2007, p. 28)

As novas tecnologias e formas diferentes de alcançar os livros, permitiram que os leitores se aproximassem mais deles, e que também pudessem pensar sobre os livros e

escrever, juntando diversos textos, formar um único texto com suas opiniões. Lemos também com ABREU *apud* CHARTIER (2007) que a passagem do livro sobre o livro impresso para a era do computador é uma mudança tão grande quanto à passagem do rolo que era o modo que se escrevia dos livros no tempo antigo, para o códex que é colocá-los em folhas como conhecemos hoje, trazendo assim um novo tempo para a leitura.

Cita-se no livro que isso traria uma “Felicidade extravagante”, a qual vem prometida pela biblioteca sem paredes que traria todos os livros por meio de uma biblioteca eletrônica. “Felicidade extravagante” – mas talvez não sem riscos. A transferência de nossa herança escrita dos impressos para a tela criaria possibilidades incomensuráveis, mas causaria também violência aos textos ao separá-los de seu meio original, no qual foram publicados ou apropriados. (ABREU *apud* CHARTIER, 2007, p. 29)

Segundo o autor supracitado podemos ter ou não um problema com o texto eletrônico, por exemplo, existem trabalhos antigos que se forem publicados em uma nova versão eletrônica pode perder a sua cultura textual, porque essa esteve por muito tempo associada apenas a impressão.

Contudo, as leituras na antiguidade existiam inúmeras dificuldades, primeiro não se tinha acesso aos livros, como podemos ver no filme “Em nome da rosa” o qual nos mostra claramente como eram feito as cópias antes da criação da prensa e quem poderia ou não ter acesso ao livro, sendo ele restrito apenas aos monges copistas.

E venho se desenvolvendo até que chegamos aos dias atuais, o qual o acesso à leitura é livro, tanto em bibliotecas como os livros virtuais que estão ao nosso alcance a qualquer momento pelas redes de internet, mas como tem sido o ensino hoje da leitura, será que as pessoas gostam de ler, ou simplesmente reproduzem códigos.

Historicamente, a escola não pode ser considerada o único lugar nem o lugar preponderante onde se constroem e transmitem os equipamentos intelectuais de uma sociedade. Ela desempenha um papel (menos ou mais) importante na sua definição, em particular quando enuncia normas legítimas do seu uso. Conforme os casos, favorece ou freia sua divulgação em grupos sociais situados cada vez mais longe do seu uso técnico, erudito ou letrado. Assim a alfabetização universal dos Cristãos foi considerada necessária após o Concílio de Trento para transmitir ciência da salvação. A igreja católica deu, então, às escolas paroquiais e às instituições escolares, fundadas pelas novas congregações docentes, um impulso tal que é impossível reconstruir uma história da cultura escrita sem encarar a modalidade da escolarização. (ABREU *apud* HÉBRARD, 2007, p. 37)

A autora nos permite perceber três momentos chaves do desenvolvimento da leitura, sendo os primeiros que aconteceu no final do século XVII, quando foi criado por Jean-Baptise Salle, um novo tipo de escolarização, o qual era centrado na leitura e na catequese, sendo o

segundo momento entre 1833 e 1842, quando as escolas passam a ser controladas pelo estado, começaram a visar uma alfabetização de massa muito mais completa e tentavam intervir com uma pedagogia primária que passasse apenas do copiar textos para chegar ao ponto de redigi-los. E o terceiro momento, que vem alguns anos após a Grande Guerra, quando a escola assegura aos alunos pelo menos cinco anos de estudo, nesse momento a leitura e a escrita param de ser pensadas como metas de escolarização e passam a ser vistas como meio de adquirir conhecimentos.

Ainda que se almeje estrategicamente a construção de conhecimento que redunde em habilidades supostamente úteis não apenas para a escola, mas também para a vida do indivíduo, os efeitos dessas práticas parecem se restringir aos viciados limites escolares, espetacularmente as matérias língua ou literatura. Mesmo assim os indicadores de resultados não são alvissareiros: os alunos quando permanecem na escola (pública) e quando leem de fato os textos acabam lendo do modo com sabem e apenas o que da leitura está entendida como pré-requisito para aquele e independente do ensino; e está centrada em constantes exercícios de leitura, planejados com base no princípio da adequabilidade, conforme o qual a aprendizagem deve estar subordinada ao desenvolvimento cognitivo, tornando secundária as relações de ensino, e a seleção de textos, por sua vez, deve estar subordinada ao interesse imediato e “gosto” do aluno, implicando a interdição de todo procedimento e material que se distanciem desse princípio. (MAGNANI, 2001, p. 32)

Ensina-se a ler ou isso é feito apenas superficialmente, o aluno, ele sabe tem o prazer em ler, ou o faz apenas porque precisa para ser aceito em uma sociedade, esse leitor seria capaz de desvendar os mistérios de um artigo e acrescentar algo que já tem em sua memória ou ele apenas reproduz o que está escrito, somente decodifica códigos?

Com algumas experiências vividas até hoje pude perceber que os alunos tem uma certa dificuldade em pensar, em reproduzir aquilo que realmente eles pensam, porque estão sendo gerados a não colocar ou expressar o que pensam mas sim apenas a reproduzir conteúdo ou seja, alunos não precisa pensar apenas reproduzir o que está escrito, e isso que tem prejudicado para a formação de alunos formadores de opiniões.

Porque assim como um bebê ao sair do ventre de sua mãe aos poucos vai se adaptando com o mundo exterior, também deve ser o ensino da leitura, aos poucos vai ensinando as práticas que se precisa para tornar-se um bom leitor, adaptando cada um à sua realidade ao que está disposto a viver para fazer parte do mundo da leitura.

Martins, 2004, revela uma comparação muito interessante sobre a leitura quando escreve que, o conceito de leitura ele está sempre ligado a decodificação de códigos, na aprendizagem comum, ou seja, sabemos ler apenas porque precisamos disso para, por exemplo, concluir o ensino médio.

Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significa possuir as bases de uma educação adequada para a vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade. (MARTINS, 2004, p. 22)

No entanto desde o princípio o ler, não era apenas para decifrar códigos, mas sim para levar uma educação para a vida, formar cidadão que não apenas liam, os quais também interpretavam e expunham suas opiniões sobre o que foi lido, ou aprendido em determinada época de suas vidas.

O professor e a escola em comum acordo, precisam estudar de qual maneira será feito o incentivo da leitura, como formarão alunos que gostem de ler, e que não sejam somente reprodutores de conteúdo, mas sim leitores com qualidade e excelência.

A partir de necessidades impostas por um ideário liberal democrático, que, visando ao “esclarecimentos das massas”, promete a emancipação social como decorrência do acesso ao mundo da cultura letrada e com o fim estratégico de enfrentar a crise da leitura, mediante a promoção, junto as “massas”, do hábito e “gosto” pela leitura, os professores de língua e/ou literatura – desde a alfabetização até o 2º grau – técnicos de administração educacional ou por intelectuais acadêmicos e fomentadas pelo mercado editorial.

Para uma ação eficaz, os professores devem tomar como ponto de partida a realidade do aluno e, como princípio operante, a adequabilidade entre o nível de dificuldade crescente do material indicado para a leitura e o interesse e “gosto” estabelecidos de acordo com as etapas de desenvolvimento cognitivo de seus alunos e sua realidade, de modo que, mediante o emprego de técnicas de motivação e sem interferir diretamente, propiciem estímulos para que os alunos construam seu conhecimento, até culminar o processo com o comportamento esperado: a leitura “esclarecida” dos “longos clássicos do vestibular”, como coroamento das habilidades – uteis para a escola e para a vida – para as quais esses alunos vieram sendo preparados desde a alfabetização. (MAGNANI, 2001, p. 31)

Magnani (2001) expõe que para criar o hábito de ler, os professores como intermediários precisam partir do cotidiano da criança, do que ela gosta de fazer, para isso é preciso um contato mais direto entre aluno e professor, para que conheça os gostos e assim possa da forma mais adequada incentivar a leitura que fará muita diferença na vida dessa criança.

Historicamente, a escola não pode ser considerada o único lugar-, nem o lugar preponderante onde se constroem e transmitem os equipamentos intelectuais de uma sociedade. Ela desempenha um papel (menos ou mais) importante na sua definição, em



particular quando enuncia normas legítimas do seu uso Conforme os casos, favorece ou freia sua divulgação em grupos sociais situados cada vez mais longe do seu uso técnico, erudito ou letrado.

Magnani (2001) escreve que a leitura é constituída em passos, sendo alguns dele o exercício com os textos cotidianos que são aqueles que os alunos convivem e que tem fácil acesso, os textos que são denominados literatura infantil, que são acompanhados pelo professor por meio de fichas de leitura, também nos mostra que os professores tem menos leitura que os alunos, como ensinar a ler se não gostam de ler.

No entanto a prática da leitura precisa estar enraizada naquele que ensina, precisam ter o gosto que ainda de acordo com a autora citada a cima não é o sabor, agrado, opinião, preferência ou moda, mas sim à “principal atividade cultural, entre as faculdades políticas do homem”, o ler precisa ser considerado essencial na vida do ser humano, como prioridade de vida.

Assim entendido, o gosto se forma na subjetividade, como resultado de trabalho, como as diferenças, no nível simbólico. Trata-se de uma faculdade social constituída e aprendida. Tanto é assim que, independentemente da escola e anteriormente a passagem por essa instituição, o gosto de professores e alunos é formado e enformado pela indústria cultural, e aquilo que esses leitores dizem “gostar” já é resultado de aprendizagem a partir da exposição e do consumo de um padrão de gosto, cuja tomada de decisão entre qualidade e valores foi previamente realizada por outros, com base em suas próprias necessidades e interesses, ainda que apresentado como critério objetivo e verificável de verdade. (MAGNANI, 2001, p. 36)

Continua a autora a escrever que para atuar na formação do gosto, é fundamental para o trabalho escolar, porque apostar na formação pelo gosto se torna uma forma de desafiar o desejo do leitor de se constituir como tal, mediante a interlocução e a adversidade de modelos, pode-se compreender o movimento de constituição do sujeito leitor como prospectivo e imprevisível como busca do que é “mais alto” tratando o gosto por ler tão importante quanto a comer e amar.

A leitura se caracteriza como um processo de segunda ordem na qual as histórias interagem com o leitor, no qual o texto além de mediador, e interrogado como um objeto, sendo o texto também utilizado para que por meio de um texto venham outros textos trazendo assim a emancipação do sujeito leitor, aquele que não apenas decifra o que está escrito, mas sim aqueles que compreendem.

Com a leitura em um artigo publicado na revista ACB, por Marcus Vinicius Machado dos Santos, no ano de 2006, sobre o título de “A leitura como prática cotidiana e motivacional

da infância ao crescimento intelectual e discernimento crítico”, podemos observar então que o ler é uma ação cheia de inúmeros efeitos, e está amarrado ao que cada um lê. Quais os interesses por trás dessa leitura.

Pois até adquirir um jornal periódico e passar rapidamente os olhos pelos anúncios promove determinado empenho por trás deste infantil folhear despreocupado de páginas. Qualquer tipo de leitor procura alguma coisa que venha saciar o anseio por sabe mais ou apenas por diversão, porém as vezes esse meio tão solicitado se torna difícil de encontrar, já que nem todos podem incluir a leitura em seu cotidiano.

Existem momentos em que a informação não é divulgada, às vezes por diferença igualitária, constitua por preconceituosos, podendo ela estar negligenciada, colocada em último plano, aos setores da sociedade realmente interessados, à vida acadêmica, aos privilegiados. Mas aqui viemos mostrar um pouco do porquê da leitura não ser um dos principais empenhos de tantas pessoas e como produzir interesse nessas pessoas. Essas pessoas pensam que não gostam de ler, ai se enganam, esse sentimento de não gostar foi criado nelas, durante algum tempo, a começar da infância, foram ensinadas, por exemplo, a não gostarem de um bom livro.

Como podemos ler com Martins, 2007: Desde os nossos primeiros contatos com o mundo, percebemos o calor e o aconchego de um berço diferentemente das mesmas sensações provocadas pelos braços carinhosos que nos enlaçam. A luz excessiva nos irrita, enquanto a penumbra nos tranquiliza. O som estridente nos irrita, ou um grito nos assusta, mas a canção de ninar embala nosso sono. Uma superfície áspera desagrada, no entanto, o toque macio de mãos ou de um pano como que se integram em nossa pele. E o cheiro do peito e a pulsação de quem nos amamenta ou abraça podem ser convites de satisfação ou rechaço. Começamos assim a compreender, a dar sentido ao que e a quem nos cerca. Esses também são os primeiros passos para aprender a ler.

Então como nos ensina Sandroni, L. C.; Machado L. R., (1987) o começo de tudo e na família; desse lugar sairão todos os seus exemplos de como agir, e o que fazer em cada etapa da vida de uma criança, e os primeiros anos se tornam assim de suma importância na vida de um sujeito para ser ou não um bom leitor quando adulto e este é o lugar favorável para a constituição da originalidade que se marca os desejos e motivações para ser ou não ser um adulto que não leia simplesmente, mas que por meio de sua leitura favoreça e crie novas leituras.

Ainda com o artigo publicado na ACB, o leitor deve ser como uma esponja insaciável e curiosa, esse pequeno aprendiz age, urge por interação com tudo e todos a fim de reter a

maior quantidade possível de informações, conhecimentos, experiências. Se não for alimentado, essa gana por novidades poderá, com o tempo, distanciar-se do caminho que leva à leitura, o hábito prosaico e deleitoso de ler quer seja um simples gibi quer seja Camões.

O tempo trata de rapidamente apresentar trilhas muito mais fáceis de serem percorridas, pois algumas dessas trilhas não necessitam de guia ou setas, apenas da atenção alheia. A televisão é uma delas, certamente. Requer pouquíssima concentração, nenhuma aptidão, qualquer vontade que seja. Pronto, perdeu-se outro leitor e agora o que se faz? Motiva-se apresentando outras fontes de prazer, talvez reapresentando o ato de ler como um ato natural, sem dor alguma, ao contrário do que tantos denotam erroneamente.

Conforme Silva 1981: O estímulo sistemático à leitura deveria ser meta prioritária em países em via de desenvolvimento.

Constata-se no Brasil que o hábito de ler não representa uma tradição e, por isso, a motivação através de técnicas específicas deve ser encarada como um campo de estudo e pesquisa de novas modalidades que visem à aproximação do livro com o leitor.

O autor anteriormente citado afirma que “para ler é preciso gostar de ler.” Óbvio que quando não é fomentada esta prática ou qualquer outra que seja, quando não há exemplos vindos dos principais parâmetros referenciais, no caso aqui o lar familiar e a escola, raramente tem-se um leitor assíduo e interessado em conhecimento. Raríssimas são as exceções. Adultos que jamais leem um livro, que passam tempo demais frente à teve, que pouco discutem assuntos de ordem geral e polêmicos.

E o sistema escolar há muito tem parcela de culpa neste panorama. Como denotou Freire (1988 apud GADOTTI, 1996), é grande a distância entre o que é lido nas escolas e o mundo das experiências pessoais, o mundo em que todos vivem suas vidas, com experiências personalíssimas. Ao estudante, resta a obrigação de ler calhamaços, ou melhor, decorar mera e simplesmente. A vontade pessoal, os gostos de cada um pouco importa. Claro que está mudando esse quadro, apesar da lentidão e dos sempre escusos interesses de quem não deseja ver um Brasil de cidadãos opinativos e críticos.

Portanto, como podem se criar leitores se muitas pessoas nem gostam de ler, e conforme nos declaram Silva, 1981, fica mais difícil inserir uma pessoa depois de adulta ao mundo da leitura do que uma criança que já está por natureza apta e pronta para receber tantos ensinamentos e condicionamentos que carregará por toda a vida de forma natural. Enquanto houver alguém sem ler, ali estará um futuro leitor crítico, se for incentivado. Segundo Silva (1981, p. 45) é relevante “o fato da leitura ligar-se muito intimamente ao projeto educacional e à própria existência do indivíduo.”

No entanto quando mais se lê, mais leitores que sabem o que estão lendo e para que estão lendo terá, pessoas que leem por prazer, sempre em prona para conhecerem novas coisas e novos mundos das leitura.

## 2. LEITURA E FORMAÇÃO DOCENTE

Ao avaliarmos o método da leitura no aprendizado de um educador necessitamos abranger, primeiramente, o que é a leitura e quais seus jeitos e suas contribuições para a constituição de um docente que tenha sua própria opinião e construa suas próprias críticas.

Silva (1981), nos mostra que, "ler é, antes de tudo, compreender". De acordo com o autor o método de leitura é bem mais que decifrar códigos mas sim uma inclusão do que existe nas partes ocultas de um texto.

De acordo com Freire (1989), "o ato de ler é uma compreensão do mundo e supera a ideia de leitura mecanizada e o educador exerce um papel fundamental nesse processo".

E Solé (1998) escreve que a leitura é um método onde "o leitor é um sujeito ativo que processa o texto e lhe proporciona seus conhecimentos, experiências e esquemas prévios". Segundo autor, na leitura depositamos as nossas vidas, com os livros podemos nos interrogar ares com definição próxima ao que vivemos.

Olhando por outro jeito a ser discutido nesse capítulo e, sendo o tema principal, exibiremos a vista da leitura na formação docente, como ela é utilizada na formação especificamente, no ensino superior, ou seja, como estão sendo formados os futuros acadêmicos em Pedagogia, e qual a sua relação de acordo com a leitura.

Freire (1996), escreve que, educar é como viver e exige a consciência do inacabado. Segundo ele, ensinar vai, mais longe do que apenas uma transmissão do conteúdo, no qual o educador é a pessoa ativa e os alunos apenas recebem, a titulada educação bancária. Levando adiante esse conceito do ensino tradicional, podemos observar que a formação acadêmica e o ensino básico, essa realidade não foi muito modificada, porque ainda existem muitos educadores, que ainda pensam que os alunos não tem condição de expor o seu próprio conhecimento, assim não podendo ser um formador de opiniões.

Então, precisamos contar com os futuros professores, para que saibam, qual o real significado da educação, do educar, portanto precisamos encarar o ser professor bem mais que uma mera profissão, e sim uma paixão que precisa do seu conhecimento, mas também do seu amor e todo empenho e dedicação, sendo que o professor precisa respeitar o conhecimento prévio que o aluno já possui, colocando afinidades de opinião própria, para que se construa um sujeito que pense, desde a educação infantil até a sua formação acadêmica.

Para se tornar um profissional que reflita, que esteja disposto a mudança, precisa primeiramente existir uma mudança significativa na formação do profissional em educação, o qual tenha a leitura como seu mais importante instrumento de trabalho, porque a leitura é uma

ferramenta crucial para a formação do ser humano e assim acabaremos com a tradicional visão de ensino

A transformação deve iniciar em nossas vidas como professores, muito antes de colocarmos nossos pés em sala de aula, podendo assim quando chegar o momento de nossa atuação ter o poder de demonstrar a nossos alunos o prazer de sermos educadores.

Assim como nos mostra Matos (2002), quando nos escreve que a prática docente não pode ser apenas um ato mecânico e solitário. A capacidade leitora na formação docente, precisa ter em consciência, que ao ser educador, precisa-se ter uma consciência crítica do que acontece em nossa volta, para que por meio de nosso conhecimento possamos despertar nos alunos o prazer de ler, para que assim eles consigam desenvolver suas próprias identidades.

## **2.1. A Importância da Leitura na Formação Docente**

Jamais se falou tanto sobre a leitura como na atualidade, hoje podemos observar pessoas que buscam educadores mais capacitados, ou seja, professores leitores, pois são esses que formarão alunos também leitores, como temos de costume o educador se torna responsável pelo ensino da leitura na escola, no entanto ele é responsabilizado pelos resultados obtidos, ou seja, por qual desenvolvimento sobre a leitura terá seus alunos.

Contreras (2002), nos escreve que estima que o alinhamento do conhecimento prático e teórico do educador é muito importante, podemos assim reconhecer a leitura como um processo histórico no qual o sujeito leitor, constrói um trabalho ativo de realização de textos, em uma situação social e cultural, partindo do que ele sabe e da bagagem que ele adquiriu por meio da sua busca de leitura, usando também o que já sabe, ou seja, o conhecimento de mundo, aquele que o sujeito leitor traz de sua própria casa.

A profissionalidade docente se refere às qualidades da prática profissional dos professores em função do que requer trabalho educativo. Dessa forma a profissionalidade não consiste apenas ensinar, mas engloba todos os valores e pretensões que o docente deseja alcançar na profissão. (CONTRERAS, 2002, p,52)

Ao falarmos da formação do professor na instituição escolar brasileira, precisamos conhecer as diretrizes legais em que esse assunto ganha legitimidade. Podemos ver com a Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional, doravante Lei 9.394/1996, lançou as bases para um novo modelo de formação docente consolidadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais

(PCNs/1998). O parágrafo único do artigo 61 da LDB 9.394/96, alterado pela lei 12.014/2009, dispõe sobre a formação dos profissionais da educação e, em seu inciso I, afirma que a formação do professor terá como fundamento “a presença de sólida formação básica, que propicie o conhecimento dos fundamentos científicos e sociais de suas competências de trabalho”.

Será que os professores tem o conhecimentos científicos necessários para o ensino da leitura? Nos PCNs vemos uma atenção maior ao tipo de sujeitos que se querem se formar no ensino superior, dando valor ao ensino interdisciplinar e enfocando a necessidade de mudança na prática pedagógica para desenvolvimento melhor da docência, tendo como foco a relação ensino aprendizagem do futuro professor.

Sendo que ao educador temos a opção de criar formas em que haja participação, estimulando os educandos, a uma melhor adaptação com as formas de mudança de uma sociedade que vive em constante oscilação.

Escreve Kleiman (2001), que a discussão recai sempre sobre a competência do professor de língua materna no exercício da sua profissão, especificamente, as atividades de ensino da leitura. É muito questionado os alunos nas práticas de leitura e, também a formação leitora dos educadores e se são ou não competentes para o ensino da leitura e de suas práticas, expondo assim o posicionamento que em alguns momentos qualificam o educador como leitor, e em outros os desqualificam como um não-leitor.

Existindo assim acusações diante a sua incapacidade também ao ensinar leitura, o que tem sido colocado nas escolas e também fora delas, mostrando o que mostraria as dificuldades existentes com os educandos na educação básica de ensino.

Uma pesquisa feita em 2009 pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, participaram da amostra brasileira 950 escolas rurais e urbanas públicas e privadas, das capitais e do interior dos estados, totalizando 20.127 alunos das 27 unidades da federação. Dos 396 pontos alcançados em leitura, em 2006, passamos para 412 pontos, porém continua no nível 2 de proficiência, ou seja, ainda que tenha atingido 412 pontos em leitura, 49,6% dos 20 mil jovens brasileiros estão abaixo da proficiência considerada básica para leitura.

Podemos dizer que o sucesso do ensino-aprendizagem pode depender do método do professor ensinar e também de qual será a o tempo de prática que o aluno dedicará em aprender. No entanto, o educador é quem organiza os conteúdos estudados em sala de aula, cabe a ele o sucesso ou o fracasso em relação aos aluno por aqueles educandos. Então as práticas pedagógicas no ensino de leitura, são importantes para refletir sobre a formação do professor leitor e a sua escolaridade, do ensino básico ao superior.

Podemos partir da concepção de leitura como prática educativa, observando que é a construção do sujeito leitor que expõe o sentido de um texto, o qual sujeito leitor mostra o que já possui de bagagem anterior, podemos ler com Kleiman (1989, p. 13), que o entendimento de um texto vem muito de qual o conhecimento prévio do sujeito que está lendo, ou seja, o leitor utiliza o conhecimento que ele já sabe, para somar com o novo conhecimento. E diante a influência mútua de vários níveis de conhecimento, como o linguístico, o textual, o de mundo, o qual o leitor consegue colocar um sentido no texto.

E esses diversos níveis de conhecimento interagem entre si, se tornando assim a leitura um processo interativo. Quando falamos do ato de ler, é temos que compreender que esse processo é que muda, o qual precisamos aprender significados e trazer expor no texto lido aquilo que já sabemos. Portanto, fica a cargo do educador a função de estabelecer caminhos que possam levar o aluno a interpretar e compreender o texto, sendo o educador um auxiliador no ensino da leitura. Sendo que uma formação leitora do educador é de extrema importância para que isso aconteça, para que o aluno tome gosto e entenda o texto o professor que deve ser um leitor em excelência tem que expor de forma clara e objetiva seu trabalho. Podemos observar com Contreras (2002) analisa as causas da ineficiência de uma formação profissional pautada no modelo meramente técnico, como nos descreve o autor no modelo de racionalidade técnica, a prática profissional consiste na solução instrumental de problemas mediante a aplicação de um conhecimento teórico e técnico, deixando de levar em conta as particularidades de cada profissão.

Com esse sentido, o educador, como técnico, abrange que seu ato que incide no aproveitamento de determinações técnicas, que não são eficientes perante as dificuldades imprevisíveis para a função de educador, o qual seus saberes precisam ir bem mais além do que conhecimentos superficiais ou técnicos.

O educador precisa partir de uma atitude reflexiva que primeiro se leva à visão da realidade em que o educando vive e a partir desse momento partir para uma apreciação e reelaboração da ação de como formar alunos leitores e permitir para que assim se tenham a prática da leitura. E por meio do conhecimento teórico, prático e reflexivo da docência, o educador muda de forma consciente seu aprendizado.

Falando aqui do educador universitário, ao qual cabe a ele introduzir a leitura na vida dos futuros educadores, o qual deve garantir o desenvolvimento dos futuros leitores. Corrêa (2001) destaca o desconhecimento por parte dos professores universitários das concepções e práticas de leitura de seus alunos. E Kleiman (2001, p. 51-52), aponta a ausência de programas de formação “culturalmente sensíveis” à situação do aluno, que transformem a sala



de aula em lugar de “contexto de comunicação intercultural”, sem deixar de atender “as exigências específicas de letramento”, necessárias “no local de trabalho”.

Nas estrofes a cima podemos ver como o ensino da leitura não tem trabalhada de forma correta, como afirma (BENEVIDES, 2006), e ainda, a autoimagem negativa de leitores que têm os estudantes aliada ao conformismo com a situação em que se encontram. Esses pontos que são barreiras para uma formação que tenha boa qualidade, tendo como consequência, de acordo com Dalvi (2011, p. 188), o “engessamento de que sofrem as aulas de Língua Portuguesa”, cujos efeitos “refletem os maus resultados do Brasil nos testes de leitura e escrita”.

As leituras despertaram empenho em diferentes campos, os quais tratam a leitura e leitores de acordo com suas representações e metodologias específicas atribuindo-lhes diversos significados. Compreendemos que as concepções de leitura constituem-se em fundamentos e em condições indispensáveis para discorrer sobre a prática de ensino da leitura também no Ensino Superior.

E entrosamento surge da hipótese de que as atitudes e aprendizados pedagógicos assumidos sobre o ensino da leitura, na totalidade educativa e acadêmica são influenciadas pelas concepções de leitura, como podemos ver com Yunes (2003, p.7), é o percurso transdisciplinar da leitura que nos possibilita “dar conta de questões que extrapolam método, instrumento, conteúdo, forma e campo de aplicação específico”.

Sendo a leitura fundamental na educação em qualquer ponto e, no entanto, objeto de ensino nas formações superiores em geral, especificamente nos cursos no qual são formados educadores. Quando se fala em leitura não consideramos a mera decodificação de códigos, mas o entendimento real de um texto, isto é, que o leitor realmente entenda o que está escrito em um texto.

É de suma importância que a universidade como local de ensino seja espaço de leitura que façam os universitários refletir, criticar e transformar, para que ali haja formação de leitores que gostem verdadeiramente de ler. Para que isso aconteça é necessário que as instituições formadoras de leitores estejam atentas às experiências de leitura de seus alunos, construídas ao longo de sua escolaridade e de sua vida, assim como é preciso observar o contexto histórico, social e cultural que demarca a vivência e singularidade dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, os professores e os alunos.

Precisa-se contextualizar a leitura na expectativa sócio histórica, na qual a produção da leitura está associada, pois ela é produzida em circunstâncias determinadas. Segundo Orlandi (1988, p. 58), “quem lê também produz sentidos. E o faz, não como algo que se dá

abstratamente, mas em condições determinadas, cuja especificidade está em serem sócio históricas”.

Como nos escreve a autora “quando estamos lendo, estamos participando do processo de produção dos sentidos e o fazemos de um lugar e com uma direção histórica determinada”. (ORLANDI, 1988, p. 59).

Com isso a leitura promove a interação do educando com os outros, o que realiza um processo de construção de significados a partir de sua relação no contexto histórico-cultural, situada em espaço e tempo determinados. Sendo assim a prática da leitura constrói-se nas práticas sociais.

A leitura possibilita efetivamente a comunicação e a compreensão do mundo, da palavra, da escrita e da vida. Na perspectiva cognitiva, o processo de leitura é fenômeno complexo e, conseqüentemente, reflete essa complexidade no ato de ler, cuja compreensão exige o engajamento do leitor para utilizar as funções psíquicas superiores tais como a percepção, o raciocínio, a atenção, a memória, essenciais para tornar o complexo ato de leitura compreensível e fundamental no processo de construção do sentido.

Para se apropriar dos conhecimentos historicamente construídos materializados em um texto, o leitor que se engajar em sua leitura precisa ter motivos e objetivos concretos, e partir do seu conhecimento prévio sobre o assunto, os conhecimentos linguísticos, o vocabulário, as características do gênero textual, o sistema de escrita, todos esses fatores estão envolvidos no ato da leitura.

Smith (1991) escreve que leitura não se resume à mera decodificação de signos linguísticos, mas à vivência ativa dos significados de um texto, isto é, a produção de sentidos pelo leitor. A leitura é uma atividade prática e a compreensão é que torna a possível construção do saber efetivada por meio do aprendizado.

O autor aponta que o conhecimento prévio é fator primordial e indispensável para os bons resultados da leitura. No entanto, a leitura se realiza na combinação da informação visual com a informação não-visual que é o conhecimento prévio, que abrange o conhecimento da linguagem sobre o assunto e sobre como ler.

Sobre essa perspectiva Smith (1991, p. 84) explicita que no mecanismo de funcionamento dos olhos ao cérebro, “os olhos não veem, [...] os olhos observam, são dispositivos para a coleta de informação para o cérebro, amplamente sob a direção deste; o cérebro determina o que e como vemos”.

Os olhos encontram a imagem, mas quem da forma a ela é o cérebro a tarefa de dar a forma, a estrutura, a cor e o movimento das coisas. Esse movimento dos olhos implica em parte o ato de ler o autor ainda nos traz que esse processo evidencia que para a leitura ser apropriadamente realizada ela deve ser rápida, seletiva e proceder das informações não visuais, já que a leitura de letra por letra, palavra por palavra, frase por frase de cada vez faz com que o texto perca o significado, tendo como consequência a não compreensão do mesmo, uma vez que “a compreensão exige uma leitura relativamente rápida” Smith (1991), pois na leitura as informações visuais são apreendidas no momento da fixação que ocorre entre as sacadas.

Em função dessas características, o autor considera que as particularidades das funções orgânicas dos olhos e do cérebro exercem “uma importância crítica para a leitura” (SMITH, 1991).

A concepção de leitura de Smith (1991), nos dá uma ideia clara sobre a relação entre leitor e objeto de leitura. O texto será apenas um aglomerado de códigos linguísticos se aquilo que o leitor já sabe, ou seja, a informação não-visual da qual se predispõe não for suficiente para facilitar a leitura e tornar o texto inteligível.

O leitor formador de opinião não se detém nas informações que não interessam do texto como ele já tem um conhecimento anterior, seleciona as informações mais importantes e faz uma análise para adquirir mais conhecimentos.

O que acontece muito nos dias atuais em sala de aula são apenas as leituras obrigatórias, que os alunos precisam ler, porque se não ficam sem nota, e isso não permite que o educando coloque sentido em um texto.

Como nos escreve, Kramer (2001) mostra que no espaço acadêmico brasileiro é comum a leitura baseada em textos fragmentados em capítulos, ou até mesmo, em parte do capítulo, geralmente xerocopiados ou escaneados sendo essa a leitura quebrada de obras literárias e de textos científicos resulta, em um entendimento parcial do que for lido.

Sendo que a leitura de tais textos condensados na universidade compara-se à prática da leitura escolar, que é a leitura apenas para desenvolver atividades e terminar o curso, para Benevides (2006, p. 14), no âmbito universitário “a leitura dos textos como ensaios, artigos acadêmicos, textos didáticos que explanam, comentam, argumentam, categorizam”, por vezes se torna complexa porque foge da leitura habitual, principalmente de alunos que não tinham a leitura desses gêneros textuais nas práticas cotidianas de leitura. Com isso o autor ainda propõe que considera-se que a “construção dos sentidos” na e pela leitura deve ser o caminho

para pensar esse objeto de ensino nas licenciaturas, assim como a formação leitora do professor nesse espaço.

Entendemos que a leitura com autonomia, e de extrema importância para a construção de um professor leitor e que ensine educandos leitores.

Os estudos mostram que no campo universitário há um embate entre o que se espera do “leitor Ideal” e do “leitor real” (Carvalho, 2002, p. 4). Segundo a autora, a partir dos anos 1980, a introdução de um acervo maior e variado no campo educacional proporcionou mais liberdade de escolha para o leitor acadêmico e, ao mesmo tempo, passou a exigir mais competências para leitura de textos diversos em diferentes suportes. Assim, o leitor ideal é “alguém que lê intensamente” Carvalho (2002), que está familiarizado com gêneros diversos, e que é capaz de interpretar aquilo que lê.

Os autores a cima evidenciam a distância entre o que pensa o educador sobre a situação de leitura do aluno e o que pensa o aluno universitário sobre sua própria situação de leitura e com Corrêa (2001), a princípio o nível de leitura dos alunos ingressantes na universidade não corresponde às expectativas concebidas pelo professor universitário. Isso porque a leitura desses alunos por vezes se limita às leituras que não correspondem à gama de conhecimentos provenientes dos cânones estabelecidos pela universidade.

Ainda de acordo com o autor, os educadores, ao organizarem os textos acadêmicos para serem lidos, iniciam da ideia que esse tipo de leitura faz parte do repertório do aluno e que por isso, pensam que a leitura será de fácil compreensão.

Ainda de acordo com Corrêa (2001), essa não é uma realidade e a falta de conhecimento com os textos gera em muitos alunos uma grande barreira frente ao conteúdo a ser lido. Enquanto os professores são as pessoas que, partindo de certas expectativas de leitura, elaboram a forma pedagógica a partir da qual os alunos devem interagir com determinados textos.

Assim, várias providências são tomadas pelos professores a fim de que, administrando as esferas do o que ler, como ler e para que ler, certa leitura possa ser efetivada. (CORRÊA, 2001, p. 27). Para o autor, essa organização dos textos a serem lidos é forma de regular e homogeneizar a leitura dos alunos dentro do espaço acadêmico, escolarizando o processo de ler. Constituem expectativas dos professores em relação à leitura proposta, a familiaridade, a prática e a afinidade com os textos, a experiência de leitura e a prontidão para a leitura.

O professor deve ser leitor, as maneiras de ler e os repertórios de leitura de seus educandos, para compreender suas experiências e poder ajudar a formar a vontade do futuro leitor. Conhecendo os leitores que adentram a universidade, o educador pode planejar o

ensino de leitura que, partindo do leitor de carne e osso, isto é, do leitor real que é o seu aluno forme o leitor autônomo.

Conforme mostra Corrêa (2001, p. 47), o encontro dos alunos com a leitura proposta pela universidade não representa “um corte profundo entre as experiências de leitura dos textos acadêmicos e aqueles que não o são”, ou seja, os alunos não diferenciam a leitura dos textos acadêmicos em relação à leitura de textos em diferentes gêneros textuais.

Entendemos que as experiências de leitura que trazem os universitários ao ingressarem no ensino superior devem ser ponto de partida para os professores para a leitura de textos acadêmicos, uma vez que os textos em sua diversidade de gêneros textuais dialogam entre si. Diante do exposto podemos afirmar que a tensão que estabelece a condição leitora do aluno na universidade decorre da legitimação da leitura escolarizada, dos cânones literários impostos diante da resistência e da desqualificação da leitura de massa.

Kleiman (2001, p. 43), a imagem dos professores como não-leitores porque não têm “familiaridade com a apreciação da literatura legítima”, precisa ser questionada. Essa discussão nos remete aos valores atribuídos à leitura e as leituras necessárias ao desempenho do professor para o ensino da leitura, isto é, dos pré-requisitos de leitura e sobre leitura que são imprescindíveis à sua prática pedagógica.

### **3. ANÁLISE DA EVOLUÇÃO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES MEDIANTE ANÁLISE DOS PROJETOS POLÍTICOS PEDAGÓGICOS DA UEMS – UNIDADE DE PARANAÍBA DE 2006 E 2013**

O PPP (Projeto Político Pedagógico) é uma das bases para que o ensino em uma instituição ocorra de forma eficaz. Sendo que esse conceito parte de uma gestão escolar coletiva, no qual onde todos devem participar da elaboração desse projeto, sendo assim que todos os envolvidos nesse processo precisam ter claro o que irá ser desenvolvido e expor isso de forma clara e objetiva.

Nesse capítulo faremos uma breve análise em quais as mudanças ocorreram mediante a construção do PPP de 2006 e 2013 da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, relacionada a formação do professor, o que e quais foram essas mudanças e para que contribuíssem para a melhora da formação.

Como se pode observar nas justificativas do PPP de 2006, vemos que é de suma importância que o educador e os estudantes tenha domínio da leitura e que pesquisem sobre assuntos que domine as normas cultas com fundamentos históricos, políticos e sociais, com capacidade para elaborar estratégias para superar as diversas dificuldades que possam vir enfrentar na Educação Infantil e no Ensino Fundamental.

Em conseqüente podemos ver nos objetivos específicos que vem também como responsabilidade dos educadores e alunos que do PPP de 2006 para 2013 foi acrescentado que também é de responsabilidade dos mesmos sempre adquirir conhecimentos básicos sobre a estrutura organizacional do ambiente escolar e também os demais espaços educativos.

Os projetos em comum também trazem que a base da formação dos professores em Educação Infantil e no Ensino Fundamental é a docência, o que é considerado como um processo pedagógico que é construído com uma abordagem que seja multideterminada. Tendo assim de acordo com o PPP do ano de 2006 e 2013:

- Sólida formação teórica interdisciplinar sobre o fenômeno educacional e seus fundamentos históricos, políticos e sociais, bem como o domínio dos conteúdos a serem ensinados pela escola, que permita a apropriação do processo pedagógico, criando condições de exercer a análise crítica da sociedade brasileira e da realidade educacional;
- Unidade entre teoria e prática;
- Capacitação para gestão democrática como instrumento de luta pela qualidade do projeto educativo;
- Compromisso social do profissional da educação;

- Trabalho coletivo e interdisciplinar.

Sendo assim complementado pelo PPP do ano de 2013:

- Conviver e se relacionar eticamente com todos os envolvidos no processo educacional;
- Entender como a Educação pode se configurar como meio de transformação social e desempenhar seu papel de agente de democratização da qualidade da Educação;
- Participar da gestão das instituições em que atuem planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;
- Realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre seus alunos e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não-escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre a organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas;
- Reconhecer a necessidade de união da categoria profissional, para conquista de melhores condições de trabalho.

Alguns princípios básicos foram abarcados para o professor, sendo alguns deles norteados no Projeto Político Pedagógico de 2006 como a coerência com a prática e a formação do futuro professor, compreensão da aprendizagem com a realidade social em que vive o aluno, abordagem dos conteúdos, utilização da avaliação diagnóstica, aulas práticas para que o aluno se interaja com o meio, a construção histórica do ser humano.

Tendo assim a instituição como missão para a formação desses professores a realidade social e as peculiaridades regionais, bem como o objetivo de casa instituição.

No projeto de 2013, podemos ler que, o aluno do curso de Pedagogia ao longo dos quatro anos deverá construir habilidades e competências que lhe permitam interagir em sua área de atuação sem perder a visão de totalidade. Neste sentido, a estrutura curricular, em sua organização, deve proporcionar uma formação geral no sentido de construção de referências amplas que contribuam na construção do sujeito/cidadão capaz de perceber, interagir e modificar o contexto social, e referenciais específicos que possibilitem uma atuação de forma dinâmica, criativa e consistente na habilitação específica do curso.

Exigindo assim que desde o início do curso o docente se familiarize com a práticas em sala de aula, sendo exigida assim como um componente curricular, sendo exigido também que esse docente tenha domínio da leitura e práticas sociais inseridas no meio educacional.

Ainda no PPP do ano de 2013 lemos que, considera-se como uma abordagem multideterminada de procedimentos didáticos, pedagógicos e intencionais com uma visão inter, multi e transdisciplinar. Dessa forma, concebe-se também a formação para a docência não como um conjunto de disciplinas que aborda métodos e técnicas isolados, fragmentado e descontextualizado da realidade sócio-histórica, mas na confluência de conhecimentos oriundos de diferentes tradições culturais e das ciências, bem como de valores, posturas e atitudes éticas, de manifestações estéticas, lúdicas e laborais.

Em conseqüente podemos observar que, o docente precisa ser um pesquisador, estar sempre em busca de gerar o conhecimento de forma que ele seja claro e objetivo, para que aqueles aos quais receberão esses conhecimentos sejam entendidos de forma clara.

Assim o professor de Educação Infantil e do Pedagogo, não deve apenas ensinar, mas sim se inserir no meio em que vive, olhar em volta e ver o que acontece no cotidiano e por meio daquele conhecimento trazer o ensinamento para a escola em sua prática diária.

Dada a natureza do trabalho docente, que é ensinar como contribuição ao processo de humanização dos alunos historicamente situados, espera-se da licenciatura que desenvolva nos alunos conhecimentos e habilidades, atitudes e valores que lhes possibilite permanentemente irem construindo seus saberes-fazeres docentes a partir das necessidades e desafios que o ensino como prática social lhes coloca no cotidiano. Espera-se, pois, que mobilize os conhecimentos da teoria da educação e da didática necessários para a compreensão do ensino como realidade social, e que desenvolva neles a capacidade de investigar a própria atividade para, a partir dela, constituir e transformarem os seus saberes-fazeres docentes, num processo contínuo de construção de suas identidades como professores. (PIMENTA, 1999, p.18)

E a cima de tudo fazer um bom planejamento escolar, pois é por meio dele que as aulas se tornarão mais eficazes e o aprendizado tanto do educador quanto do educando irá crescer diariamente, e a busca de conhecimento que nunca deve parar.

E a formação do professor acontece por meio da pesquisa, que é usada também como reflexão para a formação docente, e inserção dos alunos nessas atividades.

Torna-se imprescindível o amplo domínio da leitura e da produção de texto como práticas sociais, consolidando o domínio da linguagem padrão, para que os alunos e seus professores pesquisem, analisem e interpretem fundamentos históricos, políticos e sociais de processos educativos; aprofundem e organizem didaticamente os conteúdos a ensinar; compreendam, valorizem e levem em conta, ao planejar situações de ensino, os processos de desenvolvimento de crianças, jovens e adultos em suas múltiplas dimensões: física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial; situem princípios constitucionais



e legais da educação; planejem estratégias visando a superar dificuldades e problemas que envolvem a Educação Infantil e o Ensino Fundamental.

Para inserção na realidade social, aos alunos serão propiciadas práticas docentes ao longo de todo o curso, desde seu início, bem como a pesquisa será norteadora da dinamicidade do curso, garantida por meio de disciplinas específicas e por meio da organização de atividades acadêmicas, tais como: iniciação científica, extensão, seminários, monitorias, estágios, participação em eventos científicos e alternativos de caráter científico, político, cultural e artístico.

O professor já em seu curso de formação será iniciado as práticas que terá em sala de aula, precisando o mesmo participar de atividades que o ajudarão a chegar ao mercado de trabalho de forma que já possa apropriar-se do conhecimento científico o qual estudou para fazer.

Podemos também evidenciar as disciplinas utilizadas para a formação do professor no curso de pedagogia, sendo elas em 2006, na 1ª Série, Filosofia da Educação, História da Educação I, Psicologia da Educação I, Sociologia e Educação, Didática I, Fundamentos sócio – históricos da infância, Metodologia Científica, Leitura e Produção de Texto I e Seminário Interdisciplinar I, para 2013 não houve nenhuma mudança com as disciplinas aplicadas.

Na 2ª Série temos, História da Educação II, Psicologia da Educação II, Didática II, Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, Linguagem e Literatura Infantil, Pesquisa em Educação I, Leitura e Produção de texto II, Novas Tecnologias na Educação, Fundamentos e Metodologia em Libras e Seminário Interdisciplinar II, para o PPP de 2013 foram retiradas algumas disciplinas como os Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, Novas Tecnologias na Educação e Fundamentos e Metodologia em Libras e inseridas disciplinas como Didática II, Política Educacional, Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Arte, Fundamentos e Metodologia do Movimento e Pesquisa em Educação I.

Na 3ª Série, Estrutura e Funcionamento da Educação Nacional, Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Língua Portuguesa, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Ciências Naturais, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Matemática, Pesquisa em Educação II, Estágio Supervisionado na Educação Infantil, Currículo e Cultura, Educação Inclusiva e Educação e Diversidade Étnico racial, já nesta série as mudanças para 2013 foram um pouco maior, sendo que as disciplinas como Estrutura e Funcionamento da Educação Nacional, Fundamentos e Metodologia da Educação Infantil, Fundamentos e Metodologia do Ensino da Ciências Naturais, Educação e

Diversidade Étnico racial, deixaram essa parte do ensino sendo assim o Estágio Supervisionado passa a ser dividido em Berçário, maternal e Pré – Escola e também foram inseridas algumas disciplinas como, Fundamentos e Metodologia da Alfabetização, Libras, Educação Especial e Educação não formal.

E na 4ª Série o último ano, Pesquisa em Educação III, Fundamentos Metodologia do ensino da Artes, Fundamentos e Metodologia do Movimento, Fundamentos e Metodologia do Ensino de História e Geografia, Estágio supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Semiótica aplicada ao ensino, Educação Escolar Indígena, Educação de Jovens e Adultos, Educação Ambiental e Educação não formal, algumas disciplinas forma alteradas por série sendo a maioria dessas que eram na terceira série no PPP de 2003 no ultimo passou a ser na quarta série, as disciplinas que foram retiradas são, Fundamentos e Metodologia do Ensino de Artes, Fundamentos e Metodologia do Movimento, Fundamentos e Metodologia do Ensino de História e Geografia, Semiótica aplicada ao ensino, EJA, Educação ambiental e Educação não formal e inseridas, Fundamentos e Metodologia do Ensino de Ciências Naturais, Gestão Escolar, Novas Tecnologias e Educação e o Estágio também passou a ser dividido em uma 1ª etapa dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental a alfabetização e a 2ª etapa nos anos Iniciais do Ensino Fundamental e também o Estágio em Gestão Escolar.

Podemos então observar que ao longo dos anos algumas disciplinas foram alteradas para melhor desempenho do curso, porém como neste trabalho quero desenvolver algo que fale sobre a formação docente em relação a leitura e literatura infantil, vamos colocar agora algumas disciplinas e o que elas desenvolve no decorrer do curso para auxiliar o Educador e se formar um leitor, sendo que falaremos sobre o PPP de 2013, contamos com Leitura e Produção de Texto I e II, que de acordo com o PPP tem como base, noções de leitura. Interpretação de textos diversos. Qualidades de um bom texto. Unidade semântica e parágrafo. Textualidade: a coerência textual; a coesão textual; tipologia e gêneros textuais. Estrutura da narrativa. Sequenciação cronológica na narrativa. Foco narrativo. Análise de narrativas. Os tipos de discurso na narrativa. As personagens, o espaço e o tempo na narrativa. As diversas modalidades de narrativa. O texto descritivo. Noções elementares de poética; leitura e interpretação de textos em verso. Produção e reestruturação de textos diversos. Tópicos gramaticais.

E vemos também a Linguagem e Literatura Infantil que nos acrescenta que, o conceito de literatura infantil. Panorama histórico da literatura infantil universal e brasileira. Autores e livros de literatura infantil. O papel da ilustração no livro de literatura infantil. A função social

da leitura de literatura infantil. O uso de outras linguagens no ensino da leitura. Tipos de leitura para crianças. A formação do gosto do leitor.

Podemos ver também a disciplina de Fundamentos e Metodologia da Língua Portuguesa que traz grande acréscimo ao futuro educador, tendo em sua ementa como objetivo, de fazer reflexão teórico-prática sobre o ensino de Língua Portuguesa oferecido atualmente nas escolas de Ensino Fundamental; conhecer subsídios teórico-metodológicos das atuais teorias do ensino de Língua Portuguesa; ampliar o repertório de informações sobre a diversidade linguística existente em nossa sociedade, bem como sobre os mecanismos de funcionamento da língua nas diversas situações de uso; reconhecer a importância de se trabalhar com diversos gêneros textuais, sobretudo, os mais circulados socialmente; debater sobre a importância da avaliação contínua em sala de aula, principalmente, no que se refere à prática de leitura e produção textual; oportunizar experiências concretas que preparem o aluno para o efetivo exercício da profissão na área de Língua Portuguesa.

A Leitura e Produção de Texto I e II, que vem fazer com que os futuros educadores compreendam diferentes concepções de leitura, de gêneros discursivos e de contextos de interação, a partir de gêneros discursivos/textuais diversos, por meio da prática de leitura e de produções textuais; ter a preocupação com o próprio texto e com o contexto pragmático da produção de enunciados, sendo capaz de produzir, interpretar e revisar a produção textual, ler e produzir textos narrativos de diversos gêneros; Interpretar textos poéticos diversos, e nessa disciplina se tem a oportunidade de expandir a mente e entender como por meio da leitura e possível produzir textos.

Tendo em vista também o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, a primeira etapa, que tem como objetivo a Alfabetização, nos ensina que veio para que o futuro professor observe e analise situações de ensino - aprendizagem na alfabetização acompanhar a atuação do alfabetizador na análise da produção do alfabetizando, no planejamento das formas de intervenção e organização progressiva do processo de aquisição da escrita; realizar o estágio desenvolvendo um trabalho planejado, criativo e com profissionalismo; identificar as causas do fracasso escolar na alfabetização e pesquisar formas de enfrentamento desse fenômeno; elaborar registros reflexivos das análises sobre as experiências realizadas durante os estágios; compartilhar experiências por meio de apresentação dos trabalhos realizados nas intervenções.

E nesta etapa como acadêmica de Pedagogia consegui notar, que precisava de algo a mais no ensino nas séries iniciais da Educação Infantil, algum estímulo para que esses iniciantes na alfabetização já chegassem e pudessem se apaixonar pelo mundo da leitura, e ao

longo a percepção veio que o professor com sua Didática de ensino tem nas mãos formar alunos leitores.

Sendo de suma importância que tanto o Educador como o aluno quando for colocar em prática em sala de aula o que aprendeu nos anos de faculdade, tomem o gosto e entendam a importância do ler para o desenvolvimento do ser humano.

Como nos mostra Sandroni e Machado citado por Souza (1993) a escola “torna-se o local possível, embora não ideal – dado o seu caráter obrigatório -, onde se pode inculcar na criança ou no jovem o hábito de ler, desconsiderando a palavra inculcar como sendo algo obrigatório a escola fica com a função de formar o gosto, sendo que a experiência dos jovens com o livro na escola tem feito apenas com que ele se afaste da leitura.

Se ler é “um ato libertador”, a busca do livro também deverá caracterizar-se pela espontaneidade e pela alegria de fazê-lo e encaminhar-se para a exploração das potencialidades lúdicas e artísticas do homem. (SOUZA, 1993, p.21)

O interesse pela leitura não pode ser apenas temporário e isso não acontecerá se o jovem leitor tiver apenas contatos raros com os livros.

Nos países onde se lê muito, o currículo consagra um número maior de horas à leitura. Na França, por exemplo, na primeira série, destinam-se todos os dias quatro meias horas inteiras à leitura. [...] nos países em que se dedica mais tempo à leitura na escola, as crianças também lêem mais em casa, [...] (BAMBERGER, 2002, p. 51-52)

As crianças precisam desde cedo se interessar pelo desafio por aquilo que a faz pensar, só assim se tornará um leitor, sendo que a escola tem a função de auxílio trazendo livros e métodos para formar o gosto pela leitura no jovem leitor. Sendo que um dos motivos para a criança não se interessar pela leitura é que ela não seja alfabetizada, por isso se cria uma barreira entre livro e o leitor, conforme Magnani (2001, p. 51) descreve que “Para ler e escrever é preciso, antes de mais nada, ser alfabetizado, tarefa que, em nossa sociedade, cabe historicamente a escola.”

O interesse pelo ler virá quando a criança alfabetizada se sentir desafiada por aquela leitura, no momento em que aquilo que ela está lendo começa a lhe acrescentar mais ideia, e ajudá-la a crescer intelectualmente.

“Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu

autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.” (LAJOLO *apud* GERALDI, 2006, p. 91)

Geraldi (2001), ainda afirma que a leitura é um processo de interlocução entre leitor/autor mediado pelo texto, então tudo se inicia com o conhecimento, por isso é preciso conhecer os gostos para conseguir preparar um material que vai chamar atenção do aluno e ajudar a ter interesse pela leitura.

Vemos assim que o estímulo não só precisa vir do aluno, mas principalmente do educador, e como nos mostra Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, "Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu 'distanciamento' epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela 'aproximá-lo' ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade. Por outro lado, quanto mais me assumo como estou sendo e percebo a ou as razões de mudar, de promover - me, no caso, do estado de curiosidade ingênua para o de curiosidade epistemológica. Não é possível a assunção que o sujeito faz de si numa certa forma de estar sendo sem a disponibilidade para mudar."

Portanto podemos abordar que um educador ele precisa sempre estar disposto a mudanças, a sempre querer e aprender mais, sobre tudo o que for fazer, para que assim seja feito um ensino com qualidade e que a formação seja sempre continuada, pois, não é possível crescimento sem disponibilidade para sempre aprender mais e estar disposto a mudar.

Em suma como conclusão dessa análise do Projeto Político Pedagógico da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, gostaria de trazer como acréscimo a essa pesquisa, que as alterações acrescentadas de um Projeto a outro foram de imenso ganho para o desenvolvimento dos futuros professores, e que por meio da Universidade, tenho isso como experiência própria, pode-se desenvolver o hábito da leitura por meio de sua prática, foi nesses anos de graduação que consegui gostar da leitura, e por isso levantamentos como essa análise me trazem a certeza de que a Universidade está preparada para levar professores para as salas de aula capazes de formar alunos também leitores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desse trabalho, podemos perceber que o desenvolvimento da leitura se deu por meio da criação da prensa tipográfica a qual, de acordo com Roger Chartier, tornou o acesso ao livro mais facilitado para aqueles que tivessem o interesse na leitura, porém apenas pessoas selecionadas podiam ter contato com o livro a início.

O tempo foi passando e a partir do século XIX, são criados os novos modelos de leitura, alguns deles como os que ainda hoje são muito usados como os meios eletrônicos, e com isso podemos inserir a formação docente.

O educador precisa ser o estímulo do seu aluno, e nesse trabalho podemos verificar que, já em seu curso de formação ele possui todo aporte para que possa se tornar um professor leitor e que tenha excelência no que irá aplicar em sala de aula para que também forme alunos leitores.

A muitos momentos nos deparamos com educadores que não gostam de ler e não buscam continuar seus estudos depois de obter um diploma de graduação, eles meios que estacionam, e não querem mais saber de estudar, tornando isso assim, prejudicial tanto ao aluno que irá aprender com ele como também ao próprio educador que estará indo ao contrário a tudo o que aprendeu nos anos de sua formação.

Então mais uma vez gostaria de citar Freire o qual nos mostra que educar é como viver e exige a consciência do inacabado. Segundo ele, ensinar vai, mais longe do que apenas uma transmissão do conteúdo, no qual o educador é a pessoa ativa e os alunos apenas recebem, a titulada educação bancária. Levando adiante esse conceito do ensino tradicional, podemos observar que a formação acadêmica e o ensino básico, essa realidade não foi muito modificada, porque ainda existem muitos educadores, que ainda pensam que os alunos não tem condição de expor o seu próprio conhecimento, assim não podendo ser um formador de opiniões.

E assim como podemos observar como conclusão dessa pesquisa trago que o professor e sua formação nunca devem parar, porque o mundo não param as pessoas mudam constantemente, e como lemos na análise dos PPPs, todo o suporte que um professor necessita ele receberá as dicas na academia, lugar o qual ele poderá tirar suas dúvidas e aprender como atuar em sala e se tornar um sujeito leitor e acima de tudo como formar também cidadãos leitores.

Então podemos ver que o gosto pela leitura pode ser gerado mediante a prática, sendo que essa pode ser adquirida na graduação como podemos observar na análise dos projetos

políticos pedagógicos, a universidade dá toda a base a qual um professor precisa para se tornar leitor.

Em suma o ler e a formação docente precisam caminhar juntos, para que assim aqueles que dependam de um bom educador para aprender tenham um educador formador de opiniões e não um mero reprodutor de conteúdo, o mundo caminha e junto com ele cada pessoa que um dia decidiu optar pela profissão de ensinar, que essa vontade de querer sempre buscar mais nunca se apague do coração dos educadores e dos futuros educadores.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Leitura, História e História da Leitura**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

A LEITURA COMO PRÁTICA CODIDIANA E MOTIVACIONAL DA INFÂNCIA AO CRESCIMENTO INTELECTUAL E DISCERNIMENTO CRÍTICO. Disponível em <http://www.estudoadministracao.com.br/ler/16-11-2014-como-fazer-citacoes-internet/>. Acesso em 04 de Junho de 2015.

ALMEIDA, Roseli Maria Rosa de. **Formação de Professores em Leitura e Literatura**. Campo Grande, MS: Editora: UFMS, 2003.

DALVI, Maria Amélia. **Leitura de Literatura na Escola**. São Paulo, SP: Parábolas, 2011.

BENEVIDES, A. S. **A Leitura como Prática Dialógica**: reflexões sobre o fazer docente. Disponível em: Acesso em: 03/01/2016.

BRASIL. (Presidência da República). **Código Civil Brasileiro**. 2002. Disponível em: <http://estudosdedireitocivil.blogspot.com.br/2009/07/artigo-5-do-codigo-civil-brasileiro.html>, Acesso em: 20 set. 2014.

CARVALHO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. (Org.). **História da Leitura no Mundo Ocidental**. São Paulo: Ática, 2002.

CONTRERAS José. **A Autonomia dos Professores**. São Paulo: Cortez, 2002.

CHAVES, Sandramara Matias. **Concepção e Práticas em Formação de Professores**: diferentes olhares: Rio de Janeiro: DP e A, 2003.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, SP: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Ler palavras, ler o mundo**. In: GADOTTI, M. (Org.). Paulo Freire: uma bibliografia. São Paulo: Cortez, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários para a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INEP.PISA. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/pisa-em-foco>>. Acesso em 15 de Janeiro de 2016.

JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: RS: Artes médicas, 1994.

KLEIMAN, Angela B. **A Formação do Professor**: perspectiva da linguística aplicada. Campinas, SP: Mercado das letras, 2001.

KRAMER, Sonia. **Alfabetização, Leitura e Escrita**. Rio de Janeiro, RJ: Ática, 2001.



LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para Leitura de Mundo**. São Paulo, SP: Ática, 1997.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A Formação da Leitura no Brasil**. São Paulo, SP: Fernando Paixão Editor, 1998.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, Literatura e Escola**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2001.

MARTINS, Maria Helena. **O Que é Leitura**. São Paulo, SP: Brasiliense, 2004.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Pesquisa Educacional: o prazer de conhecer**. Fortaleza, Brasil: Edições Demócrito Rocha, 2002.

ORLANDI, E.P. **Discurso e Leitura**. 7º ed. São Paulo: Cortez, 1988.

PIMENTA, Sérgio. **Saberes pedagógicos e atividades docentes**. São Paulo. Cortez, 1999.

SANDRONI, L. C.; MACHADO, L. R. **Ler em casa: A criança e o livro**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. **Leitor Formado, Leitor em Formação**. Assis, SP. ANEP, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro. da. **Ler é, antes de tudo, compreender**. São Paulo: Cortez, 1981.

SILVA, Ezequiel Theodoro. T. da. **Leitura crítica – explicitação**. São Paulo: Cortez, 1981.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. São Paulo: Artimed, 1991.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, Maria Salete Daros de. **A Conquista do Jovem Leitor: uma proposta alternativa**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1993.

UEMS. **Projeto Político Pedagógico**. 2006 e 2013

YUNES, Eliana. **A Experiência da Leitura**. São Paulo, SP: Loyola, 2003.